



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Desenho de campo e o campo do desenho: resultados do uso dos diários gráficos na produ o de etnografias visuais.

Autoria: Tanize Machado Garcia, Guilherme Rodrigues

Na pesquisa antropológica, metodologia   um tema caro para condu o de nossas reflexões e produ o de nossas monografias. Assim, etnografia também   uma forma de cria o (PEIRANO, 2014). Para isso, nós, antropólogas e antropólogos, pensamos em várias possibilidades que nos permitam contar como se d o as rela es que observamos e participamos, no intuito de descrever detalhes dos universos de nossas pesquisas. Para isso destacamos dois universos distintos ligados pelo método do desenho como uma das principais ferramentas de apreensão dos sentidos de lugar. Neste work, pretendemos abordar nossos casos etnográficos que convergem em estudos sobre a cidade e as formas de habitar dos cidadinos que constroem seus significados. Apresentaremos o resultado gráfico da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Gradua o em Antropologia da UFPel(RS), que pretendeu compreender as dinâmicas de rela o entre as pessoas que frequentam o Mercado Público de Pelotas (RS) e do poder público, que gere o patrim nio cultural na cidade, pelas variadas formas de narrar o lugar. O desenho apareceu como forma de descrever conflitos e a negocia o do espaço entre os variados grupos que constroem seu cotidiano. (GARCIA, 2018). O outro work   a pesquisa etnográfica realizada no Bacharelado em Antropologia da UFPel (RS), que teve como universo de pesquisa pessoas com deficiência visual do Centro de Reabilita o Visual da Associa o Escola Louis Braille (RODRIGUES, 2018). Nesse caso o desenho serviu como fonte de reflexão sobre elementos do campo, evidenciando informa es que a priori passaram despercebidas pelo pesquisador. A partir de um curso de curta dura o, no ano de 2017, o desenho passou a ser visto por nós como instrumento metodológico para narrar rela es empíricas e como elemento fundamental para a escrita etnográfica. Tornou-se meio de contar fatos científicos. Além disso, desenhar para refletir sobre nossas produ es, nos permitiu realizar mergulhos



nos objetos de nossas pesquisas e, também, sobre a cidade e seus contextos, fluxos e conexões criados pelos atores sociais. De acordo com Kuschnir (2016), desenhar é um caminho de encontros para observar as dinâmicas sociais que muitas vezes não nos damos conta de que estão lá. Daí o desafio de incorporar o desenho como forma de inscrição das sensações dos pesquisadores em campo pelo recurso do diário gráfico (AZEVEDO, 2016); para a descrição de nossas situações de pesquisa, incorporando, por fim, o desenho no resultado de nossas etnografias. O diário gráfico foi importante ferramenta que contribuiu a que pudéssemos pensar que a produção científica pelo desenho etnográfico complementa o cabedal de possibilidades de construção de conhecimento nas ciências humanas.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

